



A estreita margem de votos, no segundo turno, que garantiu a Lula o terceiro mandato de presidente da República — pouco mais de dois milhões em relação a Bolsonaro —, é o retrato da cisão que tomou conta do Brasil

Eleição apertada, país dividido

» VINICIUS DORIA

A eleição mais violenta e polarizada da história do país chega ao fim e expõe em números frios a divisão profunda de um país que não sabe ainda o caminho da reconciliação. Levará algum tempo para que vencedores e derrotados metabolizem o resultado das urnas em favor de um futuro mais fraterno. A estreita margem de votos que assegurou a Luiz Inácio Lula da Silva (PT) um terceiro mandato é o retrato dessa cisão. Pouco mais de dois milhões de votos o separaram de Jair Bolsonaro (PL), o primeiro incumbente a perder uma disputa pela reeleição ao cargo de presidente da República. Mesmo assim, o chefe do Executivo sai da contenda com o apoio de 58,2 milhões de pessoas, 49,1% do eleitorado. Mas a vitória do petista, ontem, já estava prevista com razoável grau de confiabilidade desde o fim do primeiro turno.

O resultado do primeiro turno apontou para as duas campanhas quais eram os desafios que cada uma teria de enfrentar. Faltaram a Lula cerca de 1,8 milhão de votos para vencer na rodada inicial. Bolsonaro chegou em segundo lugar com uma diferença de pouco mais de seis milhões de votos para o adversário. Estava dada, em números, a meta de cada um. O presidente, para se reeleger, precisaria ganhar quatro de cada cinco votos ainda disponíveis na prateleira do eleitorado para virar o placar. Para Lula, a tarefa era bem mais fácil.

No segundo turno, o ex-presidente jogou para não errar. E conseguiu incorporar à sua candidatura uma constelação de nomes da centro-esquerda à

Caio Guatelli / AFP



Eleitora de Lula comemora a vitória do petista em São Paulo

centro-direita — incluindo adversários do primeiro turno, como Simone Tebet (MDB) e o PDT de Ciro Gomes —, além de lideranças da sociedade civil, influenciadores digitais, artistas e intelectuais, que deu densidade ao conceito de frente ampla pela democracia.

Bolsonaro também se movimentou no lado direito do espectro político e angariou apoios de políticos eleitos na onda do bolsonarismo (ou do antipetismo), como os governadores reeleitos de Minas Gerais, Romeu Zema, e do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, detentores de uma máquina azeitada e influente em dois dos três maiores colégios eleitorais do país.

Foi na campanha do segundo turno que Lula apareceu em sua melhor forma: retomou os comícios de rua e as caminhadas com militantes para catalisar o

que o PT tem de mais poderoso, que é a mobilização popular. A estratégia rendeu as melhores imagens para a propaganda eleitoral e alimentou as redes sociais, até então dominadas pela máquina bolsonarista comandada pelo filho 03 do presidente, o vereador Carlos Bolsonaro. Para esse enfrentamento no ringue digital, Lula também contou com o reforço de dois influenciadores que ajudaram a mudar o jogo, o deputado André Janones (Avante-MG) e Felipe Neto.

Nomes influentes

Nos bastidores, o núcleo duro do PT deu lugar ao candidato a vice, Geraldo Alckmin, e a nomes influentes da política e da economia, que tinham a missão de mostrar que a candidatura de Lula era maior do que a frente

Andre Borges / AFP



No Rio de Janeiro, eleitora de Bolsonaro chora a derrota do presidente

de esquerda que disputou o primeiro turno. Uma das primeiras e mais comemoradas adesões foi da senadora Simone Tebet, que assumiu um protagonismo poucas vezes visto em campanhas petistas.

Os votos que a senadora conseguiu transferir para o petista foram fundamentais para a vitória de ontem. Assim como a captura de parte do eleitorado de Ciro Gomes, que, mesmo ressentido, engoliu a orientação do partido dele, o PDT, de apoiar a chapa Lula-Alckmin.

Segundo levantamentos feitos pela equipe de campanha de Lula, os votos dos dois candidatos derrotados em 2 de outubro já seriam suficientes para ele atingir a marca de 1,8 milhão de votos que o separaram da vitória no primeiro turno. No cômputo geral, o ex-presidente amealhou 3,1 milhões de votos a mais do

que obteve na primeira ronda, ou 1,1 milhão de votos a mais do que precisava para ultrapassar a marca de 50% dos votos válidos (59,2 milhões).

Um dado relevante dessa apuração foi o número de abstenções, que derrubou uma série histórica que parecia consolidada como tendência. Neste ano, caiu de 21% no primeiro turno para 20,6% no segundo.

Além da polarização, a oferta de transporte público gratuito na maioria das grandes e médias cidades brasileiras também contribuiu para estimular o eleitor a ir às urnas.

Bolsonaro chegou perto da vitória. Bem perto. Conseguiu reduzir a diferença para Lula de 6,1 milhões de votos no primeiro turno para apenas 2,1 milhões de votos no segundo. Mas a um preço nunca visto na história do país, com o uso intensivo da

máquina do Estado para angariar apoios e votos.

Ainda na pré-campanha de primeiro turno, o governo aprovou um pacote de bondades com dinheiro público, sem lastro no Orçamento, voltado para a população mais pobre, como o aumento do Auxílio Brasil para R\$ 600 e benefícios como o vale-gás. Também usou o Congresso e a Petrobras para segurar artificialmente os preços dos combustíveis. O mercado estima que o rombo orçamentário fique entre R\$ 200 bilhões e R\$ 400 bilhões, uma conta que cairá no colo do próximo presidente.

A estratégia do Palácio do Planalto de abrir o cofre, comandada pelo ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP-PI), quase deu resultado. Junto com os bons números da economia na área da geração de emprego e no controle da inflação (já são três meses de deflação seguidos), que impactam diretamente na vida das pessoas, Bolsonaro escalou nas pesquisas, mas não na velocidade e na intensidade desejadas.

No fechamento da conta, Bolsonaro agregou 7,1 milhões de votos no segundo turno em relação ao primeiro, apesar de toda uma onda de notícias negativas no período, como a frase infeliz dele sobre adolescentes venezuelanas (“pintou um clima”), declarações desastrosas do ministro da Economia, Paulo Guedes (“roubamos menos que eles”), e cenas assustadoras envolvendo aliados, como o ataque de Roberto Jefferson a agentes da Polícia Federal e a perseguição da deputada bolsonarista Carla Zambelli, armada, a um homem negro que a teria “provocado” em São Paulo. Nada disso colou em Bolsonaro.

Moraes enfatiza lisura das urnas

» LUANA PATRIOLINO
» TAISA MEDEIROS

Passadas as eleições mais conturbadas desde a redemocratização, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes, pediu o fim dos ataques ao processo eleitoral. Na noite de ontem, o magistrado fez um pronunciamento em que exaltou as urnas eletrônicas e destacou o trabalho de todas as instituições envolvidas na realização do pleito.

“Urnas eletrônicas são patrimônio nacional, e espero que, a partir desta eleição, finalmente cessem as agressões ao sistema eleitoral, cessem os discursos fantasiosos, as notícias fraudulentas, as notícias criminosas contra as urnas eletrônicas, porque quem novamente atestou a credibilidade das urnas eletrônicas foi o povo brasileiro”, enfatizou, em coletiva de imprensa. Moraes disse ter ligado para o

presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e para o candidato derrotado, o presidente Jair Bolsonaro (PL), após a divulgação do resultado pela Corte.

“Conversei com o candidato, agora eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, e com o atual presidente, Jair Messias Bolsonaro, dizendo que a Justiça Eleitoral estava apta e iria proclamar o resultado oficial das eleições”, destacou. O ministro contou ter cumprimentado os dois “por terem participado do mais importante momento da democracia, que é o momento das eleições”.

Segundo Moraes, Bolsonaro atendeu com “extrema educação, agradeceu a ligação, e não foi mais nada do que isso”. “Da mesma forma que o presidente, agora eleito, Luiz Inácio Lula da Silva”, frisou.

Outro ponto de destaque, segundo Moraes, é a redução do número de abstenções no pleito que, historicamente, é maior no

Antonio Augusto/Secom/TSE



Alexandre de Moraes e Rosa Weber na coletiva no TSE: destaque para a vitória da democracia

segundo turno. Ele ainda citou as denúncias dos eleitores do Nordeste, que informaram sobre operações da Polícia Rodoviária Federal (PRF) nas estradas da região.

“Além da menor abstenção, tem uma diminuição dos votos brancos e nulos. O maior percentual de votos da história republicana desde a redemocratização do país. Não houve aumento na abstenção do Nordeste, como muitos estavam dizendo, em virtude da proliferação de notícias que serão apuradas”,

ressaltou. “E mais: nos três estados onde houve uma recorrente de denúncias sobre operações da PRF, houve também uma diminuição da abstenção. Encerramos esse importantíssimo momento com o maior número de votos em candidatos da história brasileira.”

A presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Rosa Weber, destacou a importância da Corte eleitoral. “Ao velar pela normalidade e regularidade do processo eleitoral neste ano de 2022,

o TSE, uma vez mais, garantiu a certeza e a legitimidade dos resultados das urnas, que merecem respeito”, discursou.

Rosa Weber ressaltou que, apesar “dos tempos conturbados por intensa desinformação e exacerbada polarização”, foi consagrada a vitória do princípio democrático.

A magistrada definiu a Justiça Eleitoral como “patrimônio do povo brasileiro” e o sistema eleitoral brasileiro como “motivo de orgulho e exemplo a ser

Urnas eletrônicas são patrimônio nacional, e espero que, a partir desta eleição, finalmente cessem as agressões ao sistema eleitoral”

Alexandre de Moraes, presidente do TSE

seguido pela segurança e celeridade que imprime”.

Também participam ministros do STF e do TSE; o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Beto Simonetti; o procurador-geral da República, Augusto Aras; o presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG); o presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), Bruno Dantas; o corregedor nacional da Justiça, Felipe Salomão; embaixadores e observadores internacionais.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É CRIME. OMISSÃO É CUMPLICIDADE.

Nos últimos meses, os casos de violência contra a mulher enlutaram dezenas de famílias aqui no Distrito Federal. Foi preciso aumentar a rede de proteção contra essa terrível barbárie. Foi criada a Casa da Mulher Brasileira, na Ceilândia; construída uma delegacia especializada, também na Ceilândia; sancionada uma lei que obriga cobradores e motoristas a acionarem a polícia em caso de abuso ou assédio dentro dos ônibus; lançado o Programa Oportunidade Mulher, que incentiva o empreendedorismo e a autonomia financeira feminina e, em parceria com comerciantes, implantada a campanha do Sinal Vermelho.

Mas essa é uma responsabilidade de todos. Para combater a violência contra a mulher, nada é mais eficaz do que a sua denúncia. E você pode salvar uma vida.

Denuncie: 197 – Opção 3 ou www.pcdf.df.gov.br/servicos/delegacia-eletronica

